

Proletários de todos os países: UNÍ-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

NÃO SALAZAR!**Não nos entendemos!**

O último discurso de Salazar, de 12 de Agosto, feito sob o signo «Vamos a ver se nos entendemos», traduz o reconhecimento tácito, por parte do ditador, do divórcio entre ele e a nação, do divórcio entre a sua política colonialista e os interesses dos povos coloniais, assim como do divórcio completo entre Salazar e a opinião pública internacional.

No decurso de 37 anos de ditadura fascista o povo português deu sobejas provas de que nada há de comum entre o ditador e o povo que ele oprime. As manifestações e lutas dos últimos anos aí estão para o confirmar. No que respeita às relações com os povos coloniais sujeitos à opressão portuguesa, opressão que a ditadura agravou sob todos os aspectos, a heroica luta armada que esses povos travam pela sua liberdade e independência fala por si própria dos sentimentos destes povos para com os seus sangrentos opressores.

Salazar falou mais uma vez como um ditador reaccionário e obstinado, fechando os olhos às realidades e indiferente aos sofrimentos e sacrifícios que o prosseguimento da sua política está causando ou pode ainda causar ao nosso povo e aos povos coloniais que lutam pela sua libertação.

Este discurso de Salazar, vindo após a intensificação da luta dos povos coloniais e da grande manifestação de solidariedade e apoio de toda a África a essa luta, expressa na aplicação das resoluções de Adis-Ababa; vindo após a última resolução do Conselho de Segurança da ONU condenando mais uma vez Salazar e na perspectiva de novas resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas, deve contribuir para tirar as ilusões, a quem as pudesse ainda alimentar, quer no país quer no estrangeiro, acerca do que há a esperar do velho ditador e da sua política.

Contra toda a evidência, Salazar nega a existência duma consciência nacional angolana. «Não há angolanos, mas portugueses de Angola». Eis o raciocínio a que pode conduzir o desprezo pela personalidade e direitos nacionais dum povo que quer ser livre e independente.

Hudindo o fundo da questão fala na reforma da «Lei orgânica do Ultramar» imposta pelo «que parecem ser as indicações do presente momento» para dizer que «as grandes províncias ultramarinas são na legislação actual verdadeiros estados administrativamente autónomos». Mas... se Salazar não reconhece sequer a existência da personalidade angolana de que estados se pode falar? De resto, para os angolanos como para os outros povos coloniais é-lhes indiferente que os seus verdugos sejam os manda-

tários de Salazar ou o próprio Salazar. Não é autonomia administrativa que sob o salazarismo nada significa, aquilo que os povos coloniais reclamam, é sim, a completa independência esoberania nacional.

Uma política cega e insensata

Depois de repetir as mesmas generalidades que já tem mandado dizer ao seu ministro dos Estrangeiros sobre o significado das votações na ONU e das medidas tomadas contra os representantes salazaristas nas conferências internacionais, Salazar mostra apreciar menos levemente que o seu ministro Franco Nogueira as eventuais consequências da determinação dos países africanos em ajuda-

A próxima-se esta data comemorativa da Implantação da República em Portugal, em 1910.

A comemoração desta data republicana tem sido sistematicamente contrariada pela ditadura fascista de Salazar. A experiência indica porém, que sempre que os republicanos e democratas se unem e

se dispõem a tomar iniciativas, esta data transforma-se em jornada de confraternização republicana e de manifestação anti-fascista.

No momento em que o regime fascista está cada vez mais desacreditado entre o nosso povo e que a continuação do seu domínio significa agravamento constante dos problemas nacionais sob todos os aspectos; no momento em que o regime empenha cada vez mais os destinos da Nação numa odiosa guerra colonial cuja continuação só pode aumentar os sofrimentos e sacrifícios do povo português, os democratas e republicanos, todos os patriotas, têm o dever de não deixar passar em claro esta data nacional que o fascismo tenta apagar da memória da nossa juventude e do nosso povo.

Que o 5 de Outubro de 1963 seja uma jornada da Unidade republicana e democrática mas sobretudo uma grande jornada anti-fascista!

Que por todos os lados se multipliquem as acções e manifestações de protesto contra a política de Salazar, contra a guerra colonial, contra a repressão fascista, pela Paz e pela Democracia!

Viva o 5 de Outubro! Viva a unidade anti-fascista!

Este jornal representa muitos esforços e perigos. Não o destrua! Passa-o a uma pessoa de tua confiança ou larga-o onde possa ser apanhado por algum trabalhador!

Mais uma lição para a unidade anti-fascista

Combatido firmemente na frente interna, batido progressivamente na frente colonial, desmascarado e isolado na frente externa, o regime fascista que os grandes monopólios portugueses e estrangeiros, cada vez mais entrelaçados, sustentam no Peder atravessa a mais grave crise da sua história.

O que falta então para o derrubar? Se o descontentamento, se a vontade de acabar com «isto» é visível, porque não encontra o povo português forças para atacar de vez o ainda poderoso aparelho de Estado fascista apoiado nas forças armadas e na criminoso PIDE, que superintende em todas as outras polícias?

Falta organização! Faltam milhares de comissões legais e milhares de comités ilegais a dirigir o ataque sob a responsabilidade de um organismo central de unidade que coordene nos planos legal e ilegal as grandes movimentações de massas, as greves, as concentrações, as manifestações de rua, as revoltas em quartéis e as acções de defesa armada contra a violência repressiva que o fascismo nessa fase lançará por toda a parte, mas que será tanto menor quanto mais forte for a organização anti-fascista e mais poderosas as acções de massas.

Em vez de seguirem esta linha de acção revolucionária e de ajudarem

a criar ao longo do País os milhares de organismos necessários, algumas forças democráticas e personalidades da «Oposição» voltam-se para formas de luta que servem apenas para «entreter o tempo». Foi assim, por exemplo, que homens de tanta responsabilidade política como o almirante Cabeçadas, o eng.º Cunha Leal, o coronel Helder Ribeiro e o professor Azevedo Gomes em vez de dizerem claramente ao País o que pensam da actual situação e de apelarem ao reforço da organização popular com vistas ao derrubamento do salazarismo, mantiveram com o ditador Salazar uma inútil correspondência com o fim de receberem daquele homem sem escrúpulos nem honra, de mãos tintas de sangue, a autorização para poderem publicar sem cortes da Censura a sua resposta ao artigo por ele publicado na revista inglesa «International Affairs».

Salazar nunca cede aos que se lhe dirigem com punhos de renda. Ditador fascista, nutre por todos os que se opõem à sua política de crime e de entrega da nação ao grande capital financeiro e ao imperialismo estrangeiro, um ódio de morte. E vai prendendo, torturando e matando e chamando a esta ignóbil actuação «docura de costumes». No seu documento, aqueles democratas afirmam que a PIDE «é useira e vezeira em tratamentos desumanos e que estes se mantêm apesar de variadíssimas vezes descobertos, com escândalo público, em pleno tribunal, na presença de nacionais e estrangeiros» e que «falar a propósito da docura dos costumes serve apenas para realçar o odioso dum procedimento que fere profundamente os sentimentos humanitários dos portugueses».

POR JUNTAS DE FREGUESIA HONESTAS!

Em Outubro-Novembro devem realizar-se as «eleições» para as juntas de freguesia. Ainda que tendo em conta o carácter fascista do regime em que decorrem tais «eleições» e por isso não devemos alimentar quaisquer ilusões quanto ao seu grau de seriedade, devemos fazer tudo para ajudar o povo a eleger o maior número de juntas de freguesia honradas.

São eleições que decorrem num ambiente local, muito restrito, onde quase todos se conhecem, sobretudo nos meios pequenos, o que abre possibilidades duma certa fiscalização e desmascaramento das falsificações fascistas, lá onde elas se verificarem. Além disso o processo eleitoral é extremamente simples, no que se refere à elaboração e apresentação de listas de candidatos.

Há que formar desde já em todas as freguesias amplas e numerosas Comissões Eleitorais que elaborem cadernos reivindicativos contendo as principais aspirações da população local (lavadouros, água potável, estradas e caminhos, creches e dispensários infantis, habitações económicas, etc.). Tais comissões eleitorais devem ser formadas por pessoas honradas, democratas e patriotas, homens bons das freguesias cujo prestígio possa unir à sua volta a população local de cada lugar.

As diversas comissões devem escolher de entre si ou fora delas os homens e mulheres capazes de merecer a confiança do povo de cada terra à frente da sua Junta de Freguesia, obrigando-se estes, uma vez eleitos a satisfazer as aspirações contidas nos cadernos reivindicativos locais.

A mobilização popular à volta destas eleições, além das conquistas democráticas que poderá proporcionar, dá às massas um treino político na luta contra o fascismo.

Avante na formação de milhares de comissões eleitorais! Avante pela eleição de Juntas de Freguesia honradas e fiéis ao povo!

(continua na 4.ª pág.)

CONTRA AS TORTURAS DA PIDE

Intensifica-se a repressão e as torturas aos presos políticos. O ódio dos assassinos da PIDE cai com todo o seu peso sobre os membros do Partido Comunista e principalmente sobre os seus dirigentes.

O exemplo recente é o do camarada Blanqui Teixeira, membro do C.C., preso a 6 de Maio e que esteve na tortura do sono, só de uma vez, 13 dias e 12 noites, constantemente ameaçado com novas torturas pelo pide Tinoco. O nosso camarada perdeu em 14 dias, 8 quilos e no final destes dias tinha dificuldade em falar, ler e em manter a cabeça sem apoio. Após esta tortura, que lhe poderia ter causado a morte, o camarada Blanqui Teixeira continua nas celas do Aljube, autênticos buracos sem ar e sem luz, com visitas semanais de 15 minutos. O seu pai tem protestado contra estes maus tratos, escrevendo corajosas cartas ao Presidente da República e Ministro do Interior e outras autoridades.

Sujeitos às mesmas torturas infligidas a este camarada, estão os destacados membros do Partido, José Carlos e Jorge Araújo que se encontram nas celas do Aljube.

Mas não é só nos interrogatórios que os presos sofrem o ódio da PIDE. Na cadeia de Peniche o camarada António Dias Lourenço foi ameaçado de morte por não responder a perguntas feitas pelo pide Tinoco que já se destacara nas torturas a este dirigente do nosso Partido que foi bárbaramente espancado durante os interrogatórios depois de algemado e de lhe terem colado a boca com adesivo; e o camarada Octávio Pato foi igualmente ameaçado de serem exercidas represálias sobre a sua família, e o jovem José Bernardino, recentemente transferido para esta cadeia, está em completo isolamento, sem livros e sem recreio.

Nesta cadeia continua a existir um ambiente de terror com provocações constantes da parte do chefe dos guardas, Vitor Ramos, autêntico

OIÇA A RÁDIO!

MOSCÓVIO: Diariamente, em português, das 19,30 às 20 e das 20,30 às 21 horas pelas ondas de 25 e 31 metros.

Rádio Bucareste:

Diariamente, em português, das 21 às 21,30 h. em 31 e 41 metros.

PRAGA: Diariamente, em português, das 22,30 às 23,30 h. e das 0 h. à 1 h. em 18,19 e 25 metros e em ondas médias, em 233 metros.

assassino que manda em toda a cadeia e dos guardas Pôpa, Tomás, Lousada, Vieira e Sanches.

Também em Caxias, os castigos são contínuos e predomina a falta de assistência. Numa sala desta cadeia está Matilde Bento com hemoptises e outras complicações desde que foi presa, a 7 de Maio, necessitando de internamento imediato, pois tem a sua vida em perigo.

Estes casos mais recentes mostram como é necessário que se mantenha o apelo lançado pelo «Avante!» em defesa de todos os presos políticos: «Levantemo-nos contra as torturas da PIDE, antes que seja tarde demais! As vidas destes defensores do nosso povo são preciosas. Apelamos mais uma vez para todos os portugueses, para todo o povo afim de que se intensifique a luta contra a repressão, contra as torturas da PIDE, pela libertação de todos os presos políticos portugueses. Só o nosso povo poderá fazer parar a repressão.

SALAZAR DESMENTIDO PELOS NÚMEROS

No seu discurso, Salazar disse, referindo-se às despesas com a guerra colonial: «As despesas têm sido cobertas até agora com o excesso das receitas ordinárias, o que é quase um milagre da nossa administração, e ninguém estranharia ou estranhará se tiver de ser de outra forma para o futuro».

O quadro que a seguir reproduzimos, extraído do boletim de um banco e publicado no «Diário de Lisboa» resume o auxílio recebido por Salazar dos seus patrões imperialistas só no ano de 1962. Com estes empréstimos, o ditador português abre ainda mais a economia nacional à penetração do capital estrangeiro e empenha o país por muitos anos para sustentar uma odiosa guerra colonial que só interessa aos monopólios coloniais e aos próprios imperialistas que fazem os empréstimos.

Créditos estrangeiros concedidos a Portugal — 1962

(«Diário de Lisboa» — 21-6-63)

Designação da operação	Importância (em contos)	Taxa de juro	Prazo de amortização
Empréstimo alemão: Kreditanstalt für Wiederaufbau.	1 milhão	3 1/4%	20 anos
Empréstimo americano Export-Import Bank	2 milhões	5 3/4%	30 anos
Empréstimo a prazo médio dum consórcio de bancos americanos	0,6 milhões	5 1/2%	3 a 4 anos
Empréstimo com base na lei americana sobre os excedentes agrícolas	0,38 milhões	4%	10 anos
Empréstimo francês Credit Banque Selignan e Banque Franc. Commerce Ext.	0,6 milhões	5 3/4%	14 anos
Total	4,58 milhões		

Factos que falam contra Salazar

«Nós estamos em todos esses continentes exactamente a garantir a paz, a granjear o pão, a ensinar a usufruir a liberdade, na suficiência do pão e na tranquilidade da paz». Granjear o pão quer dizer extorquir as riquezas dos povos coloniais escravizando-os; ensinar a usufruir a liberdade quer dizer habituar os povos coloniais a ser vítimas da liberdade dos monopolistas de poderem escravizar, prender, torturar, assassinar! (tal como na Metrópole); na tranquilidade da paz, só se for a paz dos cemitérios e das valas comuns!

— «Angola é uma criação portuguesa e não existe sem Portu-

gal». A verdade é que os portugueses descobriram que aquele território existia e pretenderam desde o início pôr a população que lá existia numerosa a trabalhar para eles, a se deixarem roubar por uma farsa de comércio. A verdade é que Angola, no seu conjunto, só se submeteu a Portugal pela força das armas de há 50 anos para cá. Quando chegaram a Angola existiam lá cerca de 12 milhões de habitantes: a «criação» portuguesa reduziu-os, 400 anos depois, a cerca de 4 milhões!

«Vamos lá a ver se nos entendemos», disse Salazar. Já o entendemos há muito! Conhecida a origem do seu poder — o grande ca-

pitai financeiro, monopolista e imperialista, entrelaçado e subordinado ao imperialismo estrangeiro — tudo se entende perfeitamente. A política colonial salazarista é a que é ditada pela CUF, pelo Banco de Angola, pela Companhia dos Diamantes, pela Companhia Colonial de Navegação, pela Gulf Oil, União Mineira do Catanga, De Beers, etc., isto é, pelos que exploram igualmente o povo português e os povos coloniais. É uma política colonialista, de opressão; é uma política contrária aos interesses e sentimentos do povo português. Este opõe-se-lhe como se opõe à continuação de Salazar no Poder, à continuação do regime fascista que ele dirige.

Não Salazar!...

(continuação da 1.ª pág.)

Que nova manobra prepara o ditador?

Ante a hostilidade e resistência do povo português contra a guerra colonial, ante o isolamento crescente no campo internacional e a perspectiva da intensificação brutal da guerra colonial que multiplicará os sacrifícios e sofrimentos dos portugueses, as últimas palavras do discurso de Salazar indicam a possibilidade da montagem duma farsa plebiscitária em «apoio» da sua política colonialista, de que as manifestações «espontâneas» organizadas pelas Câmaras seriam já o prelúdio. Na dita passagem, Salazar diz que «O povo não precisará de largas discussões para se orientar sobre o seu destino. Mas eu só vejo vantagem em que se pronuncie em acto solene e público sobre o que pensa da política ultramarina que o Governo tem prosseguido».

Significará isto que o ditador e a sua camarilha vão, através dum plebiscito fascista, montar o cenário da tão apregoada como falsa «unanimidade nacional»?

De quem não acha necessário que se chorem os mortos tudo há a esperar para justificar tão criminosa política. Tudo há a esperar até mesmo fazer «votar» por ele esses mortos caídos certamente com o coração cheio de ódio contra o verdugo Salazar, responsável supremo pelo seu infúntimo. Mas o povo português saberá não só chorar como vingar os seus filhos mortos ao serviço de interesses que lhe são estranhos e dará a merecida réplica ao decrépito ditador fascista e à sua camarilha, intensificando a luta por todas as formas até varrer completamente da nossa Pátria os odiosos governantes fascistas e em primeiro lugar o seu chefe Salazar.

A unidade de todos os democratas e patriotas, de todas as forças anti-fascistas, é mais necessária e urgente do que nunca para conseguirmos tão patriótico objectivo.

Dois cobardes traidores

A luta contra a ditadura fascista, em defesa dos interesses da classe operária e do povo trabalhador e pelo triunfo do Socialismo na nossa pátria, é uma luta cheia de sacrifícios que exige firmeza e abnegação sem limites que exige, se necessário, o desprezo pela própria vida face ao cruel inimigo fascista para manter bem alto o honrado nome de comunista.

No decorrer de tão árdua como honrosa luta têm-se revelado os nomes dos heróis e mártires do nosso povo cuja memória perdurará na mente e coração da classe operária e do povo português.

Mas a dureza da luta tem revelado também os pusilânimes e cobardes que não souberam enfrentar dignamente o inimigo fascista ao serem presos pela PIDE, traíndo assim, todos os seus compromissos. Estão neste caso os dois indivíduos cujos nomes hoje expomos à exacerção pública — **Rolando Verdial** e **Isidro Paulo**. Pelo seu porte miserável estes traidores transformaram-se em servidores dos inimigos da classe operária e do povo português facilitando a acção da PIDE contra o Partido e o Povo.

Continua o terror fascista

Dirigida superiormente pelo governo de Salazar e pelo seu famigerado Ministro do Interior, Santos Junior, a PIDE continua a prender e a perseguir de norte a sul do país.

Depois das prisões no Norte, alardeadas pela PIDE num dos seus já habituais comunicados de guerra contra o povo português, novas prisões e arbitrariedades foram cometidas pelo regime fascista de Salazar.

Assim, em Lisboa, foram presos em julho destacadas figuras intelectuais tais como o professor universitário Dr. Yantz, indigitado para Presidente da Organização Mundial de Saúde, o médico psiquiatra Dr. Seabra Diniz, o neuro-psiquiatra Dr. Orlando de Carvalho, o Dr. Armando Pena, Dr. Pinto Nogueira, o cardiologista Dr. Rui Branco, Dr. Dante Marques e outros. Consta também ter sido de novo preso o cientista Dr. Gaspar Teixeira.

Igualmente o sector dos artistas plásticos sofreu a ofensiva policial, tendo sido encarcerados os arquitectos Celestino de Castro, Mário Bruxelles e Hernâni Gândara. Entre os engenheiros foram presos também os eng.^{os} Cardoso Mirão, Viana da Rocha, etc. além do eng. Areosa Feio preso anteriormente.

O médico veterinário ao serviço da FAO, Dr. Vasco Valdez, foi

preso mal chegou ao país, à saída do avião.

Esta ofensiva da policia fascista estendeu-se também às instituições culturais, tendo assaltado o Cine-Clube Imagem, encerrando-o e prendendo um dos seus dirigentes, o tipógrafo Manuel Silva.

Os advogados Dr. Duarte Turras e Dr. Barcelos foram também presos pela PIDE. Igualmente foi preso o conhecido democrata de Algés, Viriato Camilo.

Dentro da orientação repressiva do fascismo salazarista, a PSP descarrega a sua fúria contra uma pacífica manifestação de protesto dos habitantes do bairro do Castelo contra o que consideraram de favoritismo na classificação das marchas populares de Lisboa. Os manifestantes foram espancados furiosamente e feitas numerosas prisões.

Ainda que algumas das prisões atrás descritas se tenham mantido durante poucos dias, isto demonstra o regime de insegurança e arbitrio em que vivemos sob o regime fascista. A liberdade e socego de cada cidadão está à mercê da vontade da famigerada PIDE, instrumento repressivo do odioso regime fascista de Salazar. Lutar por todas as formas para apressar o fim de tal regime é um dever patriótico de todos os democratas e cidadãos honrados.

A REPRESSÃO FASCISTA e as traições

Com o agravar da crise do regime, seja, no aspecto interno, o descontentamento crescente das várias camadas da população e a disposição de luta cada vez maior dos trabalhadores; seja, no aspecto colonial, a manutenção e consolidação dos movimentos de libertação dos povos das colónias; seja, no aspecto internacional, o isolamento crescente e o abandono progressivo de quantos o apoiaram num passado recente — o fascismo redobra a repressão, põe em prática métodos requintados de tortura dá livre curso ao ódio que dedica ao Povo e em especial aos seus dirigentes, entra no campo do assassínio frio e premeditado.

Frente às torturas, ou acobardados perante a eminência de a elas serem submetidos, alguns indivíduos caem de um dia para o outro na lama, negam-se a si próprios traíndo os seus companheiros de luta e o Partido e atrasando a libertação do nosso povo do jugo fascista.

A hora que atravessamos é grave. Muito grave mesmo. É necessário e imperioso, é fundamental, que todos o compreendamos e que actuemos de acordo com essa compreensão. É preciso que todos e cada um se defenda e defenda o Partido.

Sempre o Partido foi capaz de vencer as dificuldades por que passou e sempre saiu mais reforçado das lutas travadas, porque se apoia no Povo e porque a cada vitória alcançada ou depois de cada derrota sofrida se une mais e mais à volta da sua Direcção, prosseguindo sem desfalecimento na histórica e honrosa missão de conquistar a Democracia e de construir o Socialismo no nosso país.

No Povo o Partido encontrou sempre o apoio à justa causa que defende; do Povo lhe veio sempre a força necessária para prosseguir a luta; no seio do Povo se foram sempre criando novos quadros. Há que recrutar para o Partido mais homens e mulheres sérios, combativos e com espírito de classe. Há que organizá-los e encaminhá-los na luta.

Novas lutas se aproximam. Não obstante os reveses sofridos e a feroz repressão que continua a ter de enfrentar, o Partido, unido à volta da sua Direcção e apoiado na classe operária e no Povo, saberá conduzir essas lutas. De vitória em vitória, com a participação crescente

POR MILHARES DE JUNTAS PATRIÓTICAS!

Subjugado por 37 anos de fascismo, o Povo nunca pactuou com o regime. De ano para ano, de dia para dia, das mais variadas formas, foi se acentuando a sua oposição à ditadura. As lutas foram ganhando intensidade, nelas participando cada vez maior número de pessoas. Nos campos, nas fábricas, nos sindicatos, nas escolas, nos quartéis e durante os «períodos eleitorais», muitas foram as lutas travadas. Ultimamente, o Povo ganhou a rua. E fez greves.

Sempre que se apresentou unido e organizado, o Povo impôs os seus direitos ou arrancou concessões ao fascismo. A unidade é factor da vitória, quer na luta económica quer na luta política, tanto nas pequenas como nas grandes lutas. Para a batalha final, essa unidade é também imprescindível e necessária.

Mas unidade na luta, comporta organização. Na hora presente, depois que o Povo impôs ao fascismo o seu desmascaramento total e que este reprime toda e qualquer forma de organização política no campo legal, era necessário encontrar uma forma unitária de organização política ilegal. O Povo começou a organizar-se em Juntas Patrióticas. No país e no estrangeiro, estabeleceram-se contactos entre individualidades de várias tendências políticas. O Povo quer a unidade, o Povo exige a unidade, porque sabe que para destruir o brutal aparelho repressivo que o impede de tomar conta do Poder e de instaurar a Democracia, a unidade é necessária e a organização imprescindível.

(continua na 4.ª pág.)



como vivem e lutam os trabalhadores

Vaz Guedes — Teve 20 mil contos de lucros mas não dá férias aos operários das obras, nem lhes dá a semana a dobrar como tem o resto do pessoal. Há casos de despedimentos individuais entre os reclamantes, o que não sucederia se todos se unissem e reclamassem colectivamente.

Tinturaria de Chelas — Os operários desta empresa, que trabalham em tintas tóxicas e que por lei têm direito a certa quantidade de leite fornecido pela empresa, foram ultimamente privados arbitrariamente desta regalia. A par disto reina um ambiente de grande perseguição aos operários em que os castigos se sucedem. As condições de trabalho são péssimas, havendo desastres frequentes por esse motivo. Os salários são muito baixos e frequentemente são obrigados a fazer horas extraordinárias sem o pagamento a que têm direito. Os operários começam a organizar-se e a lutar contra esta situação. Recentemente, recusaram unanimemente trabalhar ao domingo numa encomenda urgente para o exército.

Fiação de Lãs de Vila Franca de Xira — Em Maio esta empresa mudou de proprietário juntamente com o bairro operário pertencente à mesma empresa, de cujas moradias os operários não pagavam renda desde há 17 meses, em virtude da firma anterior ter falido. Os novos proprietários exigiram pri-

meiro o pagamento total das rendas em atraso e face à resistência e recusa dos operários impuzeram um aumento no preço das rendas de 220\$00 para 360\$00 e de 240\$00 para 380\$00. Além disso, trataram de despedir alguns operários mais antigos com elevado número de anos de serviço, sem qualquer indemnização.

Contra estes infames exploradores devem unir-se e lutar os operários da fábrica de Fiação. Os habitantes do bairro devem recusar-se todos a pagar não só as rendas em atraso como os novos aumentos.

Cavan — Nesta empresa os operários conseguiram aumentos variáveis, havendo na empresa um movimento de solidariedade para fazer subir os salários mais baixos ao nível dos mais elevados.

Pero Pinheiro — Os operários desta região reclamam aumento de salários, tendo-se verificado uma concentração de várias dezenas de trabalhadores no sindicato, reclamando uma acção enérgica dos seus dirigentes em apoio da reivindicação dos operários. Alguns patrões dispõem-se a dar um aumento de 2800 mas os operários reclamam 10\$00 e estão dispostos a conquistá-los custe o que custar. Muitos operários falam em ir para a greve se necessário for.

Para a frente, operários de Pero Pinheiro! Unidos e firmes venceis!

COMO SÃO ROUBADOS os camponeses

○ camponês em Portugal é roubado e oprimido de todas as formas:

— o agrário e o rico proprietário levam-lhe parte do seu trabalho na renda da terra e servem-se das juntas, grêmios, federações e adegas para o roubar;

— o armazenista rouba-o, especulando com os preços da colheita;

— os monopólios vendem-lhe a preços exorbitantes o adubo, as alfaias, as máquinas;

— o banco leva-lhe o juro dos empréstimos;

— o governo fascista arranca-lhe o resto em impostos.

Os camponeses só se podem libertar da exploração e da miséria e conquistar a Reforma Agrária se se levantarem organizadamente na luta contra os agrários e ricos proprietários, contra os armazenistas, os monopólios, os bancos, na luta nacional pelo derrubamento da ditadura de Salazar. A seu lado luta a classe operária e todo o povo português.



FAÇAMOS ACABAR AS ATROCIDADES NA GUINÉ

Na Guiné como nas outras colónias, os salazaristas defendem uma causa perdida. Todo o seu poderio em soldados e material de guerra, toda a ajuda do imperialismo é impotente para subjugar a intubertadora dos povos coloniais. Sentindo essa impotência, os criminosos salazaristas não recuam perante nenhum crime e arrasam o nosso exército para atrocidades e crimes sem conto. Os relatos feitos pelos soldados que regressam da Guiné revelam toda a ferocidade do fascismo de Salazar e reclamam uma acção IMEDIATA E ENERGICA do nosso povo para que cessem as atrocidades, para que termine a guerra colonial!

Em 22 de Outubro foi preso pelos agentes da PIDE Mira Douro e Carvalho Teixeira, o patriota Sabino; esteve 12 dias em Bissau e foi ferozmente espancado pelo cabo n.º 133-60 José Melos Zagunelo, de Valhassos (Ribatejo) que lhe partiu a espinha; morreu 8 dias depois.

Em 25 de Outubro, o furriel miliciano Carlos Quitas, da 74.ª Companhia de Caçadores Especiais, encontrou um patriota com dois filhos; como ele tentasse fugir, atingiu-o com uma rajada de metralhadora. Depois mandou fazer um buraco para o enterrar em vida; como o corpo não cabia no buraco, mandou dois soldados saltarem-lhe em cima a pés juntos; estes soldados são Joaquim Pedro de Portalegre, e José Gonçalves, de Faro, onde jogou no Clube Farense; como, mesmo assim, não conseguiram fazer entrar o ferido no buraco, cortaram-lhe as

pernas e enterraram-no.

A 12 de Novembro, o capitão Correia Curto, grande criminoso, apanhou 4 patriotas numa missão de reconhecimento; os presos não falaram; mandou então fazer um buraco, algemou-os, regou-os com gasolina e queimou-os em vida!

Em 4 de Fevereiro deste ano, foi apanhado um combatente guineense chamado Lisboa. O alferes Delfim Pena, do Batalhão de Caçadores Especiais n.º 5, amarrou-o a uma árvore de cabeça para baixo e nu e mandou dois guineenses dar-lhe pancada com um pau; esteve nesta posição mais de meia hora; depois fez-lhe uma fogueira debaixo, queimando-o!

Reclamemos por toda a parte: **Que cessem as atrocidades e crimes contra os povos das colónias! Que termine a guerra colonial!**

RELATO DA TOMADA DE GOA

« Às 7 horas da manhã de 18/11/1961 acordámos ao som do bombardeamento inócuo à emissora e ao aeroporto de Goa. O facto que para nós nos mostrou que o ataque tinha começado, surpreendeu-me porque o noticiário oficial nada fazia constar, talvez para não alarmar a população na hipótese de não vir a dar-se o ataque como o Governador Geral queria por força acreditar e fazer acreditar. As 8 horas ou 9 horas estavam as escolas cheias de crianças e o Governador Geral a fazer simples despatches no seu gabinete. Ninguém foi oficialmente informado de nada e os factos desabaram sobre aqueles que não tinham processo de se manterem informados dos boatos que corriam de um lado e de outro — do lado do Governo e do lado indiano.

A resistência em Goa não existiu praticamente porque apenas houve a registar a atitude do Afonso de Albuquerque e da garnição do Forte da Aguada e ilha de Angediva. A restante tropa limitou-se a recuar, sem procurar sequer diminuir o avanço indiano senão por meio da destruição por esbatemento de cargas que afinal pouco atrasaram a marcha das tropas. Parece que havia um plano chamado de «sentinelas» que continha no seguinte: nunca podíamos ter forças que pudessem responder com vantagem a um ataque indiano, por viridade de ser enorme o exército indiano. O plano consistia portanto em ir recuando e resistindo tanto quanto possível, até uma posição fortificada na Península de Mormugão onde se daria a resistência final, na espera de reforços, ou que a pressão internacional nos fosse favorável e levasse os indianos de novo para fora de Goa. O plano foi feito quando a Índia não tinha aviação nem marinha e por inépcia ou incapacidade de adaptação a novas realidades não foi modificado, nem foi alterada a política, uma vez que a solução possível seria de natureza política e nunca militar. Deste facto todos tinham plena consciência, tanto na metrópole como lá; e o exército, que não estava lá senão para simular uma ocupação, mais do que nin-

guém pois segundo eles, o Governo os abandonava à sua triste sorte que seria de morrerem pelo bombardeamento indiano no planalto de Mormugão onde não havia qualquer fortificação defensiva e onde todos iriam morrer sem verem um indiano pois a artilharia de terra e mar e aviação bastavam para resolver o problema.

A consciência deste facto e o abandono a que se sentiam volados tinha a o exército, pois não recebiam material indispensável — como cargas para as armas de fogo desde espingardas de mão e de canhão, etc., até aos acumuladores ou pilhas para os rádios intercomunicadores, indispensáveis na manobra, embora o material que tivéssemos esviesse fora dos prazos de segurança e em muitos casos estragado pelo monção.

Militarmente falando foi portanto uma vergonha, porque não se tomou qualquer atitude de consciência, e aquilo resultou assim porque assim planearam os indianos. Da parte dos portugueses tudo se diluiu, face às dificuldades insuperáveis sem uma atitude sequer para tomarem a iniciativa. Foi aliás a consciência do perigo que se corria em frente dum exército em pé de guerra e as consequências de uma política impossível de seguir que provocou, por medo, o desmoronamento da tropa.

O golpe final no brio foi dado com a ordem recebida do Governo central, de que não se previam prisioneiros e de que os militares só podiam sair mortos ou vitoriosos. A frase era bonita, mas era fal o estado de abatimento e abandallamento em que se estava que ela caiu como um sopro de morte.

Agora o aspecto político da questão. Os próprios oficiais indianos diziam que os portugueses procederam como se de facto quizessem sair da Índia, porque se tivessem negociado a solução, não teriam saído, como os ingleses e os franceses. O Governo português colocou o Governador indiano perante a necessidade absoluta de intervir militarmente, porque fechou a porta a toda a solução possível diferente d'essa».

Este relato prova como Salazar queria atirar para a morte milhares de soldados mal preparados, na luta por uma causa que nenhum deles sentia, como se provou pela recusa a combater contra as tropas indianas. Prova também a insensatez da sua política, de que a guerra colonial em África não é mais que a continuação em grande escala do «derastre» de Goa.

Uma lição para a Unidade

(continuação da 1.ª pág.)

Esta afirmação e outras deste documento são justas, mas dirigi-las a Salazar é que nos parece inútil. Sendo ele o seu próprio instigador e conhece-as melhor do que ninguém. Desmascará-las diante do povo, isso sim, teria sido bem mais eficaz.

A lição a ficou. Cabe àqueles destacados democratas aproveitá-la e envidar esforços noutro sentido. Não é a escrever amavelmente a Salazar que terminarão as torturas e os crimes, que ele reverá a sua política co-

lonialista e de guerra, dando a independência às colónias e fazendo regressar a nossa juventude armada, que aumentará a classe operária e a todos os trabalhadores os salários com essa móvel frente à carestia da vida, que promulgará as liberdades fundamentais e estabelecerá um regime democrático. Salazar só cederá pela força da vontade popular e do movimento democrático unido e combativo, pela resposta violenta e armada à agudização terrorista do seu governo sobre o povo.

A FINANÇA INTERNACIONAL escraviza o povo português

No ano passado foram fundadas em Portugal 33 novas sociedades anónimas com capital estrangeiro, nos ramos da indústria têxtil, metalúrgica, química, farmacêutica e de montagem de automóveis; em 18 destas sociedades participa capital alemão. É também um grupo de bancos alemães que está a financiar as obras de rega no Alentejo, a construção do aeroporto de Faro e o grande aeroporto de Beja. A ponte sobre o Tejo é obra de capitais americanos e nos estaleiros navais constroem-se navios de guerra encomendados pelos Estados Unidos.

Nos últimos dois anos, depois que o governo de Salazar lançou o país na guerra colonial, a penetração dos grupos financeiros internacionais na economia do país intensificou-se brutalmente e hoje mais de dois terços de todos os capitais investi-

dos estão directa ou indirectamente ligados ao capital monopolista estrangeiro. É o capital estrangeiro que explora as minas, os transportes, os telefones, o telégrafo, a exportação de vinho do Porto, e que domina na siderurgia, na indústria da cortiça, na indústria química e farmacêutica, na produção de material eléctrico e em muitos outros ramos industriais. Todos os grupos financeiros portugueses estão estreitamente ligados ao capital financeiro internacional.

A penetração do capital estrangeiro não favorece a economia nacional nem as condições de vida do povo português, como pensam algumas pessoas ingénuas. O capital estrangeiro recolhe todos os anos muitos milhares de contos de lucros arrancados à exploração da nossa classe operária. O capital estrangeiro apoia as ruinosas guerras coloniais em África para poder continuar a tirar lucros fabulosos do trabalho escravo dos africanos. O capital estrangeiro sustenta com empréstimos de milhões de contos a ditadura de Salazar no poder, ajudando-a a oprimir o povo português.

Os melhores aliados do criminoso Salazar são precisamente os governos dos países imperialistas que têm largos interesses na exploração de Portugal e das colónias. Nos últimos tempos, as visitas demoradas dos ministros da Marinha e dos Estrangeiros aos Estados Unidos em Dezembro e Janeiro, a visita a Portugal de dois grupos de senadores americanos que conferenciaram com Salazar, a entrevista de Strauss com Salazar, a visita dos altos comandos militares a França — mostram onde estão os inimigos do nosso povo.

A luta do nosso povo pela Liberdade é também uma luta anti-imperialista. Levantando o povo na luta contra os imperialistas americanos, ingleses, alemães e outros, elevamos a consciência das massas para se tornarem capazes de derrubar o regime salazarista e de triunfarem na revolução democrática que destruirá o poder dos monopolistas e dos imperialistas no nosso país.

Uma forma imediata de luta contra a acção dos imperialistas é a luta contra a exploração do capital estrangeiro. Nos últimos tempos, os mineiros de Aljustrel, os operários da Carris e os trabalhadores dos Telefones deram exemplos de combatividade contra os capitalistas estrangeiros, obrigando-os a pagar maiores salários. Estes exemplos de luta devem ser seguidos. A luta contra o imperialismo deve ser popularizada e intensificada.

Assassinos legais

Por «portarias» do ministro do Interior foi estendido o manto da cumplicidade com o crime, a que os fascistas chamam «garantia administrativa» ao guarda da PSP Virgílio Marescos, assassino do operário Hipólcito Agostinho Fineza, abatido a tiro no dia 1.º de Maio.

A classe operária e o nosso povo tem uma opinião diferente da do sr. ministro acerca dos assassinos e dos seus cúmplices; e quando o governo fascista de violência e terror for derrubado e substituído por um governo legal, de direito e respeitador dos sagrados direitos humanos, os criminosos, a começar pelos responsáveis morais que orçam o braço dos assassinos, prestarão contas dos seus actos. E esse dia não vem longe.

Os elementos honestos do P.S.P., a quem o crime rebugna, devem desprezar o assassino Marescos.

POR MILHARES DE JUNTAS...

(continuação da 3.ª pág.)

As Juntas existentes é necessário dar vida, chamá-las a desempenhar na luta o papel que lhes cabe. Mas é necessário também criar mais Juntas — Juntas de operários, Juntas de assalariados agrícolas, Juntas de camponeses, Juntas de intelectuais, Juntas de comerciantes, Juntas de industriais, Juntas de jovens, Juntas de mulheres, Juntas de militares, Juntas locais — que organizem as diversas classes ou camadas da população na luta pelos seus interesses específicos e na luta geral contra o fascismo.

A criação de Juntas é tarefa de todos os anti-fascistas. Formando milhares de Juntas — nos campos, nas fábricas, nas escolas, nas colectividades, nos quartéis — por todas as terras do país, em que participem os homens, as mulheres e os jovens mais decididos e activos, criar-se-á a base orgânica para o Levantamento Nacional, que levará de vitória o fascismo e instaurará a Democracia.

Unindo e organizando o Povo, formemos milhares de Juntas Patrióticas!

OIÇA A RÁDIO!

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Emissora portuguesa do serviço do Povo, da Democracia e da Independência Nacional!
Emite TODOS OS DIAS das 20 às 20.30 e das 22.15 às 22.45 em 32 m. e das 0.30 às 0.50 em 36, 40 e 43 m.

RÁDIO VOZ DA LIBERDADE

Emissora portuguesa da Frente Patriótica de Libertação Nacional, ao serviço da luta anti-fascista e anti-colonialista!
Emite TODOS OS SÁBADOS a partir das 0.15 em 25 metros, onda curta e 30 metros, onda média.